

Os bebês desafiam a cidade: uma etnografia em movimento em Imperatriz/Maranhão

Emilene Leite de Sousa

Professora Associada da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, Brasil. Bolsista Produtividade CNPq. Professora Permanente do PPGS e PPGCSoc ambos da UFMA ✉

Fernanda Müller

Professora associada da Universidade de Brasília, atualmente em exercício na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro ✉

<https://dx.doi.org/10.5209/soci.95084>

Recibido: 19 de marzo de 2024 / Aceptado: 23 de abril de 2024 / Publicado: 27 de junio de 2024

Resumo: Este artigo apresenta uma etnografia focada no movimento de bebês pelos espaços públicos em Imperatriz, Maranhão, buscando entender como esses sujeitos se apropriam das praças públicas da cidade. Selecionamos três praças e a área da Beira Rio para investigação, empregando a etnografia em movimento e a observação flutuante. O estudo buscou identificar as cuidadoras dos bebês, os espaços disponíveis nas praças, a adequação da infraestrutura para bebês, e os objetos que facilitam sua mobilidade. Além disso, exploramos desafios metodológicos relacionados à aproximação com os bebês, garantia de acesso ao campo, comunicação com sujeitos pré-verbais, e a dinâmica entre bebês e suas cuidadoras.

Palavras chave: Antropologia dos bebês; Etnografia em movimento; espaços públicos.

ESP Los bebés desafían a la ciudad: una etnografía en movimiento en Imperatriz/Maranhão

Resumen: Este artículo presenta una etnografía centrada en el movimiento de bebés por los espacios públicos en Imperatriz, Maranhão, con el objetivo de comprender cómo estos sujetos se apropian de las plazas públicas de la ciudad. Seleccionamos tres plazas y el área de Beira Rio para la investigación, empleando la etnografía en movimiento y la observación flotante. El estudio buscó identificar a las cuidadoras de los bebés, los espacios disponibles en las plazas, la adecuación de la infraestructura para bebés y los objetos que facilitan su movilidad. Además, exploramos desafíos metodológicos relacionados con el acercamiento a los bebés, garantía de acceso al campo, comunicación con sujetos preverbales y la dinámica entre bebés y sus cuidadoras.

Palabras clave: Antropología de los bebés; Etnografía en movimiento; espacios públicos.

ENG Babies challenge the city: an ethnography on the move in Imperatriz/Maranhão

Abstract: This article presents an ethnography focused on the movement of babies through public spaces in Imperatriz, Maranhão, aiming to understand how these subjects appropriate the city's public squares. We selected three squares and the Beira Rio area for research, employing mobile ethnography and floating observation. The study sought to identify the caregivers of the babies, the available spaces in the squares, the suitability of the infrastructure for babies, and the objects that facilitate their mobility. Furthermore, we explored methodological challenges related to approaching the babies, ensuring field access, communicating with preverbal subjects, and the dynamics between babies and their caregivers.

Keywords: Anthropology of babies; Mobile ethnography; Public spaces.

Sumario: 1. Introdução. 2. Etnografia sincronizada com o movimento dos bebês. 3. A cidade de Imperatriz, suas praças e a Beira Rio. 4. O que o movimento dos bebês nos informa? 5. Conclusões. 6. Referências

Agradecimento: As autoras expressam seu sincero agradecimento aos bolsistas do Programa de Iniciação Científica Guilherme Carneiro Silva, Alicy Beatriz Teixeira e Denise Pereira Ribeiro pelas contribuições ao projeto que deu origem a este trabalho, incluindo a captura das fotografias utilizadas.

Cómo citar: Leite de Sousa, E., Müller, F. (2024). Os bebês desafiam a cidade: uma etnografia em movimento em Imperatriz/Maranhão. *Sociedad e Infancias*, 8(1), 37-49 <https://dx.doi.org/10.5209/soci.95084>

1. Introdução ¹

Esta é uma etnografia sobre o movimento dos bebês pelos espaços públicos da cidade de Imperatriz, no Maranhão. Com o intuito de analisar como os bebês se apropriam das praças públicas da cidade, elegemos três destas praças e a Beira Rio, e nos lançamos ao desafio de compreender como os bebês ocupam tais espaços. Para isso, adotamos a abordagem da etnografia em movimento, sugerida por Müller e Sousa (2023), que se baseia na observação flutuante proposta por Pétonnet (2008). Assim, colocamos métodos, técnicas e a nós mesmas em movimento, ao encontro de bebês.

As questões que nortearam esta pesquisa focaram nos meios pelos quais bebês se apropriam das praças, identificando quem são suas cuidadoras, quais espaços estas praças disponibilizam, se sua infraestrutura é adequada e apropriada para os bebês, e sobre a necessidade de diversos objetos para facilitar a circulação dos bebês nesses ambientes. Nasceram também inúmeras outras questões metodológicas: como as antropólogas² conseguem se aproximar dos bebês? Quais os feitos para garantir a entrada em campo? Quais as estratégias para lidar com sujeitos da pesquisa que não se comunicam ainda por meio da oralidade? Como lidar com as demandas da relação de bebês com cuidadores e cuidadoras (pais, mães, avós, babás)? E as questões éticas da pesquisa?

Diante de tantas questões, algumas delas emergiram como fios condutores da escrita deste artigo. Do ponto de vista epistemológico, a emergência da corporalidade nas pesquisas com bebês; a relativa facilidade de acessá-los em campo; a necessidade de interação com suas cuidadoras como mediadores indispensáveis; o fato das antropólogas também se colocarem na situação de cuidadoras durante a pesquisa.

O objetivo central deste artigo é explorar como os bebês se apropriam dos espaços públicos da cidade. Todavia, foram as conversas e as entrevistas com os adultos que nos conduziram a delimitar este objetivo: examinar se esses espaços são criados como uma compensação pelo reconhecimento, por parte dos gestores públicos, de que os demais espaços da cidade não são adequados para os bebês.

Desde a análise de Florestan Fernandes (1947), desenvolveu-se a ideia de que as crianças vivem em um mundo paralelo ao dos adultos, promovendo a concepção de duas culturas distintas: a cultura adulta e a cultura infantil (Nunes, 2002). Essa visão ganhou força com a modernidade e a emergência da infância descrita por Ariés (1981), levando à criação de espaços exclusivos para crianças. Estes espaços, planejados a partir de noções de segurança e distância dos riscos sociais, visavam garantir uma vivência da infância plena, enfatizando o direito à educação e à ludicidade, cujos principais exemplos são as creches, pré-escolas e escolas. Assim, a estrutura urbana passou a diferenciar os espaços e tempos de adultos e crianças, especialmente nas cidades, o que acomodou as supostas culturas distintas de adultos e crianças. Essa diferenciação, também manifestada na construção de praças, parques, bosques, clubes, sinaliza o reconhecimento de que a cidade não é considerada adequada ou apropriada para as crianças.

Entendemos há algum tempo que a crença na dissociação entre os mundos adulto e infantil foi um equívoco com um alto custo para as crianças. Esse entendimento as manteve afastadas das chamadas questões sérias, confinadas em redomas ou bolhas, verdadeiros redutos distantes do mundo do trabalho, da política e das áreas onde se presume que apenas os adultos tenham competência para atuar. Essa noção de separação entre os mundos refletiu-se na Antropologia, onde as crianças não eram consideradas sujeitos de pesquisa nem vistas como agentes com autonomia, ainda que relativa, nem como protagonistas em suas comunidades. Elas eram excluídas dos debates e ignoradas nas etnografias dedicadas aos adultos, sem vez nas narrativas sobre as culturas às quais pertenciam.

Essa separação dos mundos de crianças e adultos, vale dizer, era em geral eficiente entre as elites, as classes mais abastadas, não sendo eficaz nas favelas e periferias das cidades. Tampouco era esse o modelo de infância que vigorava pelas comunidades ditas “tradicionais” e em espaços como a zona rural, aldeias, quilombos, reservas extrativistas, assentamentos, etc. Nesses locais, crianças e adultos compartilham, de forma geral, os mesmos espaços e horários, sem que haja uma necessária separação entre mundos.

Em Imperatriz, observamos bebês e suas famílias utilizando os espaços públicos como única alternativa para circular pela cidade, apesar de esses espaços serem bastante limitados. Nossa etnografia encontrou inúmeros obstáculos que impedem as famílias e os bebês de ocuparem suas próprias ruas, quadras

1 Fontes financiadoras: Fundação de Amparo à Pesquisa e ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Maranhão (FAPEMA); Fundação de Apoio à Pesquisa do Distrito Federal (FAP/DF); Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq); Universidade de Brasília. Adicionalmente, esta pesquisa foi elaborada com o suporte da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), utilizando o Código de Financiamento 001.

2 Neste texto, assumimos a preferência pelo uso do feminino, uma afirmação política a despeito da norma culta da língua portuguesa. O uso do feminino é feito para se referir a pesquisadoras e antropólogas, que são maioria nos estudos sobre bebês em relação aos homens, e também para se referir às cuidadoras dos bebês, maioria presente nas praças em relação aos homens. Assim, uma questão de gênero emerge e atravessa todo o trabalho, em termos conceituais e epistemológicos, embora não seja o objeto central do texto.

e bairros, como a dificuldades de acesso, assim como a falta de pavimentação, iluminação e segurança. Diante desses desafios, os espaços especialmente construídos para os bebês emergem como a única opção viável para viver a cidade.

A experiência de etnografar bebês em praças públicas nos leva a refletir sobre alguns aspectos. O primeiro deles diz respeito ao fato de que as noções sobre bebês como seres “carentes” ou “irracionais” influenciam as interações sociais e as práticas de cuidado. Isto termina por afetar a inclusão ou exclusão dos bebês nas atividades e espaços públicos, nos projetos de cidade, na arquitetura e no urbanismo e, conseqüentemente, como interlocutores da pesquisa antropológica.

O segundo aspecto se refere à importância de analisar como os bebês experienciam e se movimentam nos contextos urbanos, como praças e parques, e como esses espaços são adaptados ou não às suas necessidades, o que se relaciona com a mobilidade dos bebês e o uso de tecnologias cotidianas, principalmente os carrinhos de bebê (Cortés-Morales e Christensen, 2014).

A interação dos bebês com suas cuidadoras em espaços públicos desempenha um papel crucial na forma como os experienciam a cidade. Atividades fundamentais, como engatinhar e andar, não são apenas indicativos de desenvolvimento, mas também meios pelos quais bebês interagem e descobrem o mundo à sua volta. Essas técnicas corporais são cruciais para a interação deles com o ambiente, enfatizando a relevância do corpo nos estudos sobre bebês. Conforme Mauss (1973) afirma, o corpo é o primeiro instrumento e objeto técnico do ser humano. As técnicas do corpo, portanto, são os métodos pelos quais as pessoas utilizam seus corpos, o que difere entre culturas e sociedades.

As técnicas do corpo – aqui entendidas sob a ótica de Mauss (1973) – também estão relacionadas com as práticas de transportar e cuidar dos bebês, que diferem entre as culturas, refletindo a variedade de visões sobre a infância e a mobilidade. A análise dessas práticas, aliada a reflexões teóricas sobre a corporeidade dos bebês, enfatiza a necessidade de abordagens mais inclusivas no planejamento urbano, que considerem os bebês como usuários ativos e legítimos dos espaços públicos.

Portanto, este artigo aborda as interações e experiências de bebês em contextos urbanos, com foco nos aspectos do corpo e do movimento. Essas questões influenciam significativamente as práticas de cuidado e a interação social, frequentemente confinando os bebês a espaços específicos e limitando suas experiências no ambiente urbano. A presença de bebês nos espaços públicos é essencial para garantir a sua cidadania e também enriquecedor para todos os grupos geracionais. Além disso, o artigo destaca a complexidade dessas interações e a importância de considerar os direitos e necessidades das crianças no planejamento de cidades mais inclusivas e acessíveis. Nesse sentido, Gobbi et al (2022) observam que a produção da cidade também ocorre pela presença das crianças. Seus gestos, falas e propostas, diretas ou indiretas, modificam e transformam espaços em lugares, ocupando brechas despercebidas por adultos e criando uma cidade criativa e habitável.

2. Etnografia sincronizada com o movimento dos bebês

A etnografia tem sido defendida como um paradigma renovador para a representação das variadas experiências das crianças em múltiplos contextos sociais (Prout e James, 1997). Sousa (2015) realçou as virtudes do método etnográfico aplicado a estudos com crianças, ressaltando como a imersão prolongada no campo facilita o enfrentamento dos imprevistos da pesquisa. Logo, a etnografia focada em observação participante, supera a mera concessão de voz aos sujeitos com quem estudamos, mas os engaja em uma interlocução bilateralmente comprometida, o que foi sistematizado por Cardoso de Oliveira (1996), como três atos cognitivos essenciais do trabalho antropológico: ver, ouvir e escrever.

Na condução de etnografias, a Antropologia clássica frequentemente se deparou com o desafio de ganhar a confiança e cooperação dos sujeitos, colocando a antropóloga diante do complexo desafio de navegar habilmente as interações com esses atores sociais. Contudo, a dinâmica da pesquisa etnográfica se modifica de maneira significativa quando direcionada a bebês, levantando questionamentos sobre as particularidades desses sujeitos quando se tornam o foco de estudo. Quais seriam as especificidades inerentes ao estudo de bebês? A pesquisa com bebês demanda métodos e técnicas de investigação, ou talvez adaptações criativas das técnicas já estabelecidas? O entrelaçamento entre a observação participante clássica e a necessidade de adaptar ou reinventar metodologias para estudar sujeitos tão particulares evidencia o constante desenvolvimento da etnografia e seu potencial para explorar profundamente as nuances da experiência humana, desde os mais tenros anos de vida.

Neste texto, propomos conexões entre a observação participante e a observação flutuante, conforme introduzido por Pétonnet (2008), que acreditamos serem métodos complementares. A observação flutuante, especificamente, facilita uma abordagem onde o movimento de quem observa traz à luz aspectos que merecem atenção, permitindo que as informações sejam apropriadas sem quaisquer filtros. Esta técnica, descrita por Pétonnet no contexto do cemitério Père-Lachaise em Paris, não se concentra exclusivamente no espaço ou nos trajetos percorridos, mas nas relações que se produzem nesse ambiente ao longo do tempo. Tal abordagem revela-se promissora para capturar os afetos, memórias, percepções e relações que as pessoas estabelecem entre si e com o espaço. Por meio do acompanhamento de percursos, torna-se possível entender o que é significativo e integrar essas descobertas ao trabalho etnográfico.

No estudo de bebês, uma ênfase especial é colocada nas cuidadoras, que frequentemente atuam como pontos de partida, mediadoras e intérpretes (Gottlieb, 2000, 2004). Isso reflete um desafio da Antropologia em se engajar com bebês por si só, que pode ser parcialmente atribuído à sua dependência e à dificuldade de aplicar métodos e técnicas de pesquisa convencionais com essa faixa etária. Contudo, a interação com

bebês pode ser surpreendentemente direta; geralmente, basta uma simples aproximação para o bebê abrir um largo sorriso e vir até nós. Ao contrário dos adultos, os bebês vêm até nós. No caso desta pesquisa, temos ao nosso lado o trunfo de lhes encontrar em um dos momentos mais felizes do dia: a hora do passeio ao ar livre. Se, por um lado, eles vêm até nós e basta demonstrarmos disposição com um sorriso ou um objeto em mãos que lhes interesse (isso inclui canetas, celulares, cadernos e quase tudo), por outro lado, nunca estão sozinhos, tem sempre um adulto lhes acompanhando, mediando e intervindo.

Na prática da etnografia em movimento, juntamente com a observação flutuante, somos guiadas não apenas a acompanhar os nossos sujeitos, mas também de capturar a essência de seu movimento. Há uma flexibilidade não somente na captura, mas também na análise do objeto de pesquisa – o movimento em si – permitindo uma reflexão ampliada que abrange não apenas a produção do sujeito em movimento, mas o próprio ato de mover-se. Esse enfoque dinâmico abre caminhos até as cuidadoras dos bebês. Ao nos aproximarmos, nós nos apresentamos e compartilhamos nosso interesse nos bebês, explicando a seleção dos locais, nossos objetivos de pesquisa e os princípios éticos³ que orientam nosso trabalho.

Este processo se desenrola por meio de encontros constantes, mas efêmeros, realizados em dias de semana ou nos fins de semana, sempre nos mesmos horários e locais, estabelecendo uma rotina de presença e observação de diversas relações – de bebês com suas cuidadoras, entre si, e com o espaço. Em determinadas situações, a proposta de estudo é inicialmente discutida com a babá, que, por sua vez, pode trazer no dia seguinte a autorização verbal dos pais. Defendemos, assim, a importância de uma abordagem etnográfica adaptável e sensível ao contexto, reconhecendo a necessidade de estabelecer confiança e transparência com nossos interlocutores, bem como a relevância do movimento tanto na captura quanto na análise dos fenômenos estudados.

Acompanhamos os bebês e suas cuidadoras, percorrendo juntos seus caminhos, aproveitando para realizar conversas informais enquanto nos movimentamos e também tirar fotografias. Nossa abordagem em campo exige que estejamos dispostas a nos mover constantemente, explorando os espaços que capturam o interesse dos bebês, dando atenção aos objetos que despertam a sua curiosidade. Parte importante do nosso trabalho envolve oferecer suporte às cuidadoras, proporcionando-lhes momentos de descanso. Isso geralmente se dá no apoio às mães, avós, irmãs ou babás, que são as figuras mais presentes no cuidado diário. Com o passar do tempo, quase como uma forma de reciprocidade, nos encontramos também desempenhando o papel de cuidadoras, à medida que nossa pesquisa avança. Essa função, por sua natureza exigente, tende a atrair etnógrafas, especialmente aquelas que já possuem experiência no cuidado de crianças, seja como mães, irmãs mais velhas, tias, avós ou vizinhas que se envolveram com o cuidado de bebês. Dado o fato de que a sociedade patriarcal atribui às mulheres os cuidados com os bebês desde a sua formação, não é de se estranhar que os etnógrafos (homens) não tenham interesse em pesquisar sujeitos cujas particularidades da relação consistem em aspectos como quedas, choro, excreções, como ocorre no caso dos bebês cuja interação durante a pesquisa depende da disposição em acolher fisicamente esses sujeitos.

Ademais, para etnografarmos com bebês e nos deslocarmos com eles, um repertório se faz necessário. Em vez de atravessarmos as praças e a própria investigação de posse apenas de caderninhos, canetas, gravadores e pranchas, fazendo anotações diversas, corremos atordoadas em busca de nossos interlocutores, de posse de chocalhos, fraldas aos ombros e brinquedos barulhentos. Ofegantes, tememos que caiam sob os nossos cuidados, tropecem, se machuquem nos parquinhos públicos, caiam dos balanços ou escorregadores, enquanto realizamos a pesquisa ou tentamos capturar uma imagem.

Sabendo disso, embora não especifiquem exatamente os bebês, é que Müller e Sousa (2023) defendem uma etnografia em movimento com potencial para as pesquisas que ocorrem com crianças pela cidade. Esta abordagem itinerante permite mapear trajetos e examinar itinerários das crianças. Para tal, as autoras propõem o uso da “observação flutuante”, que consiste em “permanecer vago e disponível em qualquer circunstância, sem focalizar a atenção em um objeto específico, mas permitindo que a atenção flutue livremente para que as informações sejam absorvidas sem filtro” (Pétonnet, 2008: 4).

Além disso, consideramos que esses métodos e técnicas são valiosos não somente em pesquisas voltadas para o mapeamento de trajetos ou itinerários realizados por crianças, ou a análise dos espaços públicos que ocupam, mas também em estudos onde os próprios sujeitos de pesquisa, ao se movimentarem, fornecem dados significativos. No contexto dos bebês, a etnografia em movimento e a observação flutuante tornam-se especialmente cruciais. Elas nos possibilitam acompanhá-los pelos espaços que frequentam e observar de perto suas interações e formas de ocupação. Neste sentido, são pessoas, objetos e métodos em movimento.

Afinal, na ausência da oralidade, a pesquisa com bebês é marcada pelo movimento de corpos, pelo contato físico, pelas descobertas dos dois corpos e dos espaços juntos, em sincronia, entre o bebê e a pesquisadora, pois a pesquisa com bebês é sobretudo corporal. Na ausência das palavras, pesquisadoras,

3 Esta pesquisa, inspirada na técnica de observação flutuante de Pétonnet (2008), foi realizada nas praças e na Beira Rio de Impe-ratriz em diversos dias e horários. As observações iniciais ocorreram à distância, com anotações feitas em cadernos de campo. Sempre solicitávamos autorização verbal antes de fotografar momentos fugazes, mesmo quando não dispúnhamos de informações detalhadas sobre as famílias e os bebês envolvidos. Quando os bebês se aproximavam, iniciávamos conversas informais com suas cuidadoras e explicávamos os objetivos da pesquisa detalhadamente. O consentimento verbal era obtido no dia da explicação ou no dia seguinte. Para manter a confidencialidade, todos os nomes mencionados no artigo são pseudônimos. As idades foram registradas apenas nos casos em que interagimos diretamente com as crianças. Visando preservar a privacidade das pessoas fotografadas, aplicamos um filtro em todas as imagens, disponível em <https://www.befunky.com>.

cuidadoras e bebês se comunicam por olhares, sorrisos, toques e brincadeiras. Igualmente, se encontram por meio do compartilhamento de espaços comuns e de objetos diversos.

Nada nos impede de nos acomodarmos em um banco da praça, abrir nosso caderno de campo e observá-los. Esta flexibilidade é uma das principais vantagens ao estudar bebês em espaços públicos, capturando suas experiências de movimento. Os bebês são, sobretudo, *flâneurs* e, por extensão, exploradores naturais. Se um bebê tem a liberdade de explorar um espaço, ele certamente o explorará. Para a antropóloga, basta observar, seja sentada no banco ou flutuando nas proximidades. É por isso que a observação flutuante se mostra como o método mais apropriado para captar as experiências dos bebês.

3. A cidade de Imperatriz, suas praças e a Beira Rio

A cidade de Imperatriz está localizada na região sudoeste do Maranhão, sendo atravessada ao leste pela BR010, também conhecida como Rodovia Belém-Brasília, e a oeste pelo Rio Tocantins, este elemento geográfico de delimitação das fronteiras entre os estados do Maranhão e Tocantins. A cidade conta com uma população de aproximadamente 273.110 habitantes, segundo o censo de 2022 (IBGE, 2022).

As condições climáticas da cidade definem os usos dos espaços abertos em Imperatriz. A cidade mantém temperaturas altas durante quase todo o ano, com temperatura que oscila entre os 31 e 40 graus, sendo reconhecida por ser uma cidade “quente”. Entre outubro a março é a época das chuvas torrenciais, com alertas laranja e vermelho nos sites de meteorologia, informando chuvas intensas, com possibilidades de alagamento de vários pontos da cidade devido ao aumento do volume das águas do Rio Tocantins. Mesmo nesta época, Imperatriz deve alcançar uma temperatura mínima de 25 graus, sendo considerada amena para a cidade. Isto explica o bom uso das praças que há na cidade, além da Beira Rio, um espaço amplo arquitetado como um complexo de lazer.

Nesta pesquisa consideramos três praças - Praça de Fátima, Praça da Cultura e Praça dos Três Poderes - e a Beira-Rio. Essa escolha foi orientada pelas diferenças de localização e perfil do público que as frequenta, marcadores sociais importantes para pensarmos sobre os usos das praças pelos bebês.

Situada no centro de Imperatriz (MA) e abrangendo 3.101,29 m², a Praça de Fátima é um dos espaços públicos mais emblemáticos da cidade, caracterizada pela Catedral de Nossa Senhora de Fátima. A praça se beneficia de uma localização estratégica, cercada pelas avenidas Dorgival Pinheiro de Sousa e Getúlio Vargas, além da rua Simplício Moreira, situando-se a meio caminho entre a Beira-Rio, às margens do Rio Tocantins, e a BR 022, o que facilita o acesso dos moradores. Pereira (2016) explica que, por sua localização chave, a praça tornou-se um local de encontro para diversos grupos, religiosos e comerciais, ampliando-a com múltiplos significados, usos e interpretações.

Já a Praça da Cultura (formalmente Renato Cortez), próxima à Beira-Rio da cidade, possui menos atrativos, apenas uma fonte em seu centro, quase sempre desligada e um parque com brinquedos para crianças maiores, logo, é menos movimentada que a primeira. Talvez também porque a concorrência com a própria Beira-Rio a coloca em situação desfavorável. Mas, dada a facilidade de acesso é uma das mais tradicionais da cidade. Esta praça está situada em um lugar intermediário entre o centro (Praça de Fátima) e a Beira-Rio. Logo, ela é frequentada por públicos variados, pertencentes às classes baixas e médias da cidade. Como também está próxima do centro de Artesanato de Imperatriz, da Academia Imperatrizense de Letras e de pizzarias, restaurantes e bares, este público pode transitar com as crianças pelas praças antes, durante ou depois de fazer uso dos serviços disponibilizados no seu entorno.

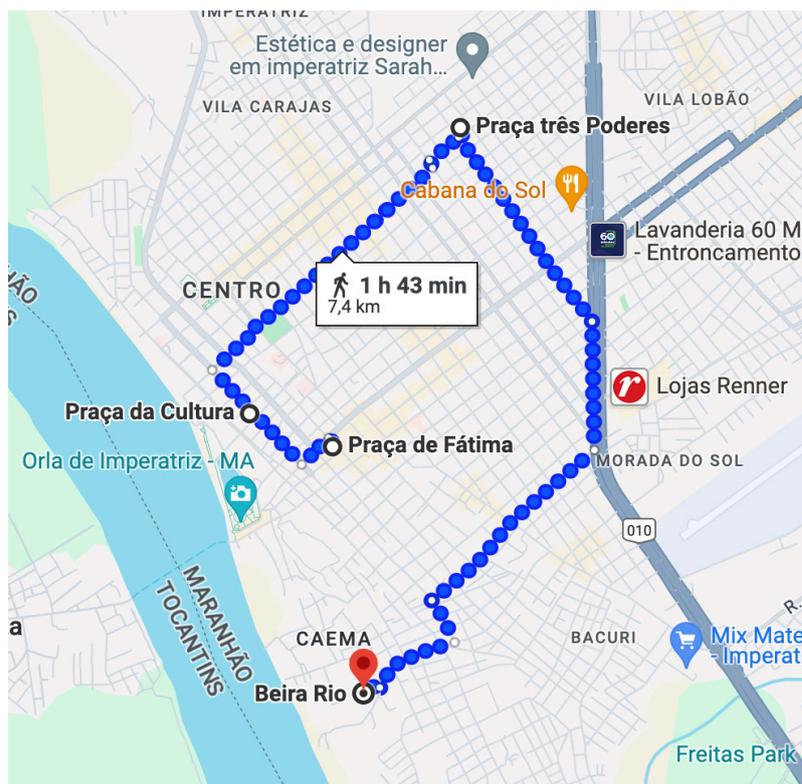
A Praça dos Três Poderes (formalmente Pedro Américo), localizada em um bairro nobre de Imperatriz, chama a atenção por sua estética e pelo seu zelo, além da segurança, o que também se torna um atrativo para pais e demais cuidadoras que passeiam com os bebês habitantes daquela região. Vale ressaltar que a praça conta com um pequeno *trailer* da polícia estacionado em tempo integral além de seguranças particulares contratados pelos moradores dos arredores, caracterizado por prédios de luxo. Foi lá que encontramos o maior número de babás como cuidadoras de bebês que frequentavam a praça. Isto ocorre porque o Bairro dos Três poderes é a parte nobre da cidade, acolhendo luxuosos edifícios residenciais e condomínios, onde vivem os fazendeiros, grandes empresários e médicos da cidade. Por isso a Praça dos Três Poderes tem infraestrutura melhor que a maioria das demais praças da cidade, contando até com um *trailer* da polícia e, em outros momentos, com segurança particular pago pelas famílias dos condomínios mais próximos.

Situada à margem do Rio Tocantins e estendendo-se por 1,1 km, a Beira Rio é um destino cotidiano para os habitantes de Imperatriz que buscam realizar atividades como piqueniques, caminhadas, passeios com cachorros ou com crianças e bebês. A seção dedicada às crianças na Beira Rio é ampla e equipada com uma variedade de brinquedos, assentos para adultos e cercada por segurança, oferecendo uma vista dinâmica de crianças engajadas em diversas atividades e adultos em interação. No entanto, apesar da intenção de criar um ambiente seguro e estimulante, há falhas na infraestrutura, particularmente no piso de borracha, que está desgastado e dificulta a locomoção, obrigando os adultos a carregar os bebês no colo. Nos finais de semana, o espaço ganha mais vida com a presença de famílias e visitantes, transformando-se em um ponto de encontro.

A Beira-Rio é o maior espaço público dedicado ao lazer em Imperatriz. Por essa razão, ela é frequentada por todas as classes sociais, por idosos e corredores em sua pista de corrida, por aqueles que praticam esportes, como ciclismo e skate. Lá também é possível ver piqueniques e aniversários intimistas organizados por famílias ou amigos. E é frequentada, sobretudo, por crianças e bebês.

A seguir, na Figura 1, é possível visualizar o mapa da área da cidade onde os quatro espaços estão localizados.

Figura 1: Google Maps (2024)



Embora nesta seção tenhamos dedicado esforços para apresentar a cidade de Imperatriz, com ênfase em suas praças e na Beira Rio, *loci* da pesquisa, alertamos que os resultados aqui apresentados não foram guiados, nem tampouco analisados, a partir de classificações espaciais ou geográficas. Os resultados da pesquisa serão apresentados a partir de categorias que julgamos fundamentais para a compreensão da apropriação dos espaços públicos da cidade pelos bebês.

4. O que o movimento dos bebês nos informa?

Na Praça da Cultura, cercada por diversos quiosques, observamos uma família recém-saída da celebração dominical congregando-se ao redor de uma mesa. Nossa atenção foi capturada pela dinâmica de uma bebê, cujos passos apressados e saltitantes emanavam a alegria inerente à recente descoberta de sua capacidade de caminhar. Para uma observação mais detalhada, reposicionamo-nos numa mesa adjacente à da família. A interação com a bebê não tardou: deslizando pelas pernas de seu pai, ela aproximou-se de nossa mesa com uma agilidade e determinação notáveis. Fomos, então, surpreendidas com uma inesperada resposta ao receio que sentíamos de não conseguirmos nos aproximar dos bebês. Sem qualquer esforço, a primeira de nossas interlocutoras veio até nós.

A saudação que lhe dirigimos foi recebida com uma curiosidade mais voltada aos objetos sobre nossa mesa do que propriamente à nossa presença. O porta-guardanapos amarelo despertou particular interesse, e ela, estendendo-se nas pontas dos pés, conseguiu apreendê-lo. Embora repreendida pelos pais, asseguramos que não havia problema. Com expressões balbuciantes, ela nos ofereceu o objeto, permanecendo ao nosso lado em busca de novos interesses.

Diferentemente do processo convencional de entrada em campo, que demanda estratégias meticulosas de aproximação, neste caso, os bebês aproximaram-se de nós. A transição da observação para um diálogo informal com a família revelou que a pequena interlocutora era Ana, de dois anos e sete meses. Aprofundando a interação, construímos aviões de papel que lançávamos ao ar para que Ana os perseguisse. A cada tentativa frustrada de capturá-los antes de atingirem o solo, ela os recolhia e os trazia de volta, solicitando, por meio de gestos, que a brincadeira continuasse.

Nesse episódio na Praça da Cultura, a preeminência do corpo nas interações se destaca. A presença de um porta-guardanapos sobre a mesa serviu de estímulo para Ana, que se viu impelida a um esforço físico deliberado para alcançá-lo. Esse ato de estender-se em direção ao objeto desejado não foi meramente uma ação no espaço físico, mas também inaugurou uma comunicação não verbal, propondo um convite para engajar-se na dinâmica emergente em torno do objeto. Tal interação proporcionou uma rica observação das pesquisadoras, permitindo acompanhar de perto a tentativa de Ana em agarrar os aviões de papel, a corrida em sua busca e a forma como se abaixava para recolhê-los, tocando com seus dedinhos o chão desgastado da praça. A presença de Ana manifestou-se de forma notável. Quando a brincadeira não lhe interessou mais, ela se afastou, revelando o controle que detinha de se relacionar e se guiar pelos próprios interesses na direção de pessoas e coisas.

Nas praças públicas, o gesto de apontar assume uma dimensão adicional, operando como um mediador nas negociações espaciais entre os bebês e suas cuidadoras. Os bebês apontam em direção aos espaços ou objetos que desejam explorar, buscando, de certa forma, a aprovação ou permissão para avançar. A ausência de objeção por parte das cuidadoras é geralmente interpretada como consentimento, encorajando o bebê a se deslocar em direção ao ponto de interesse.

Figura 2: Ana sobe na cadeira para olhar as pesquisadoras de frente



Bates (1979) explora o gesto de apontar em bebês, destacando-o como emergente de uma complexa rede de competências cognitivas e sociais, que incluem a habilidade de acompanhar o olhar alheio, reconhecer que objetos possuem nomenclaturas e empregar a linguagem como ferramenta para expressar desejos e necessidades. Nossas observações em campo corroboram a multifuncionalidade do gesto de apontar entre os bebês. Identificamos que eles recorrem a esse gesto não apenas para indicar objetos que despertam o seu interesse, como brinquedos coloridos ou a câmera fotográfica utilizada pelas pesquisadoras, mas também para interagir com pessoas e espaços ao seu redor.

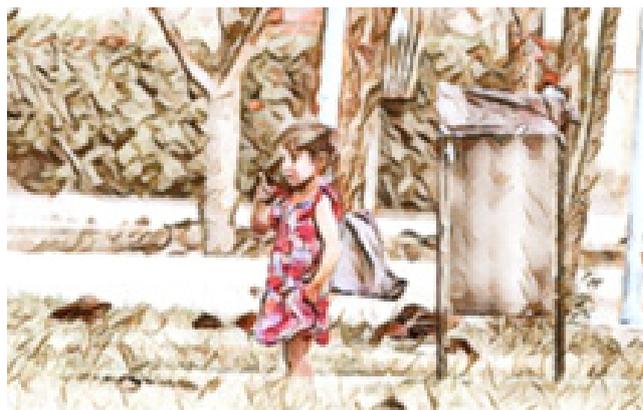
Ademais, o ato de apontar transcende a mera tentativa de alcançar fisicamente um objeto, transformando-se em um meio de comunicação quando percebido e respondido pelos adultos. Isso é particularmente evidente quando a ação de um bebê em apontar é reconhecida pela cuidadora, que então facilita o acesso ao objeto desejado, reforçando o ato de apontar como um recurso de interação social (Müller, 2021).

Logo, o dinamismo do gesto de apontar mostra a riqueza das estratégias comunicativas dos bebês, mesmo antes da aquisição da fala, e destaca a importância da resposta dos adultos para a validação e o desenvolvimento dessas capacidades comunicativas nos espaços públicos.

Figura 3: Ana aponta para os quiosques da Praça de Fátima



Figura 4: Maria aponta para o lugar para onde deseja ir, pedindo autorização da mãe



Nas observações, também emergiram padrões distintos relacionados à interação física das cuidadoras e bebês. Aqueles que ainda acompanhavam crianças mais velhas frequentemente se viam em uma dança de equilíbrio, andando de mãos dadas e inclinando-se para acomodar a discrepância de altura entre eles, como é o caso da avó que leva as netas à Beira Rio, na Figura 5. A configuração urbana das praças, delimitadas por vias de intenso fluxo de veículos, pode ter induzido uma vigilância constante, tornando as cuidadoras reticentes em soltar as mãos das crianças, mesmo por breves momentos.

Acompanhamos dinâmicas entre crianças maiores e seus irmãos e irmãs bebês. Trazemos o caso de duas meninas, na Figura 6, que chegaram até a praça acompanhadas por seu pai, que logo encontrou outro adulto com o qual ficou conversando enquanto elas brincavam. De longe, vimos a irmã mais velha brincar com a bebê. Em um certo momento, ela coloca a bebê na bicicleta, segura com uma mão o guidão e, com a

outra, apoiada na cela, começa a empurrar. A bebê pareceu gostar do passeio, segurava firme no guidão enquanto olhava para todos os lados. A brincadeira durou pouco, logo a bebê começou a interagir com outras crianças na praça, que também estavam lá para andar de bicicleta, e durante todo esse tempo a irmã mais velha permaneceu ao seu lado.

Figura 5: Avó com suas netas de dez meses e cinco anos na Beira Rio



Figura 6: Pai levando as filhas à Praça dos Três Poderes



Esta foi uma das poucas vezes em que observamos um pai a sós com crianças na praça. Geralmente estas estão em companhia da mãe, do casal, ou de uma avó, tia, prima, irmã ou babá. Curiosamente, neste caso, quando é um homem o responsável por levar as crianças à praça e delas cuidar, o papel do cuidado passou, imediatamente, para a filha mais velha que tratou de brincar e cuidar da irmã caçula. Depois, a bebê interagiu com outras crianças enquanto o pai conversava com o homem que lá estava. Notadamente, os cuidados com os bebês seguem a cargo, de modo geral, de mulheres e meninas, colocando a questão de gênero em evidência.

A dinâmica de mobilidade e interação, moldada tanto pelas capacidades físicas das crianças quanto pela infraestrutura urbana, reflete as adaptações cotidianas necessárias para a circulação e o engajamento no espaço público. A escolha dos métodos de transporte e a gestão da proximidade física com as crianças destacam as práticas corpóreas e espaciais que caracterizam a experiência da parentalidade em contextos urbanos.

Muitas famílias mencionaram que raramente visitam as praças, enfrentando obstáculos para se deslocar de suas casas até lá. As ruas da cidade, caracterizadas por serem acidentadas e estreitas, com veículos estacionados em fila dupla, apresentam calçadas irregulares onde os pedestres precisam compartilhar o espaço com rampas de garagem, postes de iluminação, lixeiras de metal e outros diversos obstáculos. Esse cenário força os pais a caminharem pela rua, manobrando carrinhos de bebê entre os carros, aumentando os desafios de uma simples ida à praça.

Igualmente, os períodos de chuva intensificam os desafios urbanos devido à ineficiência do sistema de escoamento pluvial. Com a cidade cortada por diversos riachos, os alagamentos se tornam frequentes, especialmente com o aumento do volume das águas do rio, forçando a evacuação e realocação dos moradores das áreas mais afetadas para abrigos públicos. Essa condição dificulta ainda mais o acesso das famílias às praças e outras áreas de lazer, afetando de modo significativo sua qualidade de vida e capacidade de locomoção na cidade.

Devido a isso, residências e comércios em certas áreas da cidade são obrigados a elevar suas calçadas para prevenir a entrada de água durante as chuvas. Esse ajuste resulta em calçadas desniveladas por toda Imperatriz, com algumas alcançando alturas que dificultam o acesso por adultos e, da mesma forma, impedem a circulação dos carrinhos ou dos próprios bebês. Paradoxalmente, é exatamente por essa razão – a restrição sofrida pelas crianças para brincar e explorar as ruas e quadras de seus bairros – é que as famílias procuram uma das quinze praças da cidade. Nestes espaços, os bebês têm a oportunidade de caminhar, explorar e interagir com o ambiente e outras crianças de maneira mais segura.

São as praças planas, iluminadas, espaçosas ou amplas é que se tornam o destino de muitos bebês. Ora, embora a maioria destes ainda não possam andar e explorar as praças com seus próprios pés, o espaço nivelado das praças torna favorável o uso de carrinhos, velocípedes, bicicletas com rodinhas, pequenos carros motorizados. Assim, é possível entreter as crianças ao mesmo tempo em que pais e mães descansam os braços.

Ainda assim, os bebês são frequentemente observados repousando nos braços, acomodados junto à cintura ou apoiados no ombro dos adultos, movendo-se juntamente com eles. Esta interação física cria uma sinergia entre os corpos, deixando uma impressão de unidade, ou melhor, como trata a Psicologia, de diáde. A provisão de alimento e a expressão de afeto são elementos essenciais que contribuem para a formação de um vínculo de confiança e segurança entre o bebê e a cuidadora. Essa relação não apenas assegura as necessidades fisiológicas da criança, mas também estabelece as bases para um senso de proteção e

bem-estar emocional, refletindo padrões culturais de cuidado e apego que também variam entre diferentes culturas e sociedades.

A Figura 7 mostra a bebê Rita, de quatro meses, em um passeio pela Beira Rio, trajando um vestido branco e sapatos pretos. A mobilidade de Rita é inteiramente assegurada por sua mãe, que a transporta cuidadosamente no colo, com uma mão posicionada sob as costas da bebê e a outra oferecendo suporte à parte inferior do corpo. Esta forma de segurar expõe a dependência de Rita em relação ao suporte externo para manter-se equilibrada.

Já a Figura 8 mostra o revezamento entre pai e mãe, ou melhor, a troca de braços, uma estratégia de descanso recíproco, um testemunho do esforço físico envolvido no cuidado contínuo do bebê. Ao lado esquerdo do casal, percebemos o carrinho isolado na entrada da Igreja de Fátima devido a dificuldade de usá-lo na praça, evidenciando a ausência de infraestrutura adequada para facilitar o movimento dos pais e do bebê.

Figura 7: Rita no colo da mãe, na Beira Rio



Figura 8: Troca de braços entre pai e mãe



A análise da ausência de dispositivos lúdicos adaptados ao tamanho dos bebês nas praças revela uma falha significativa na incorporação das necessidades infantis nas esferas sociais e recreativas desses ambientes. Esta omissão na provisão de infraestruturas adaptadas aos bebês não apenas marginaliza a sua ocupação do espaço, mas também reflete uma desconsideração das suas necessidades específicas no âmbito do planejamento urbano. Geralmente as famílias recorrem às praças porque têm filhos maiores, crianças que podem fazer melhor uso dos aparatos da cidade enquanto pais e mães os assistem e se revezam entre a criança maior e o bebê.

Contudo, observamos a resiliência de alguns bebês em se engajar com os equipamentos que estavam disponíveis, apesar de sua inadequação. Um incidente particular na Praça da Cultura exemplifica isso: uma bebê tentou interagir com um balanço e, ao lograr sentar-se, sua tentativa de impulsionar-se resultou em uma queda. Embora não tenha sofrido ferimentos graves, o olhar imediato da bebê para sua mãe após a queda indica uma compreensão precoce das expectativas de resposta social às suas ações.

Ademais, as observações em tais espaços públicos ressaltam comportamentos recorrentes na locomoção dos bebês: movimentos de saltitar, agachar-se para apanhar objetos, tropeços e o uso das mãos para auxiliar no levantar são ações habituais. Estas atividades, juntamente com o olhar para objetos, pessoas ou direções que despertam seu interesse, são expressões da curiosidade dos bebês no seu entorno. Para dar conta do universo de estímulos a que são submetidos ao usufruírem de espaços públicos como praças, a antropóloga precisa estar atento a corporalidade dos bebês. O corpo é o instrumento primeiro do bebê ao se comunicar com o pai, a mãe, outras cuidadoras, outras crianças, os lugares, e a pesquisadora.

No contexto da Beira Rio, observamos a diversidade de interações de bebês: alguns demonstravam alegria ao utilizar os brinquedos, como balanços e escorregadores, enquanto outros preferiam o conforto do colo materno, numa espécie de pausa, mesmo com diversas opções de entretenimento ao seu redor.

A transição dos bebês para a mobilidade autônoma, exemplificada pelos primeiros passos, é um momento significativo em seu desenvolvimento. Esse marco não apenas simboliza uma maior independência física, mas também marca o início de uma nova fase de interação e exploração do ambiente.

Na Figura 9, Carlos, de dois anos, demonstra uma notável confiança e familiaridade com o ambiente do parque na medida em que se aventura para além das áreas designadas para bebês e crianças, onde se encontram os balanços, escorregadores e demais brinquedos. Sua disposição para correr em direção a pontos que despertam seu interesse, é capturada na fotografia 9, onde ele é visto caminhando sozinho, embora seus pais estejam atentos logo atrás dele, fora do quadro da imagem. A autonomia de Carlos, evidenciada por seus passos curtos e desprovidos de apoio, ainda que por vezes desequilibrados, reflete uma crescente confiança em sua mobilidade. Essa evolução, livre do medo de cair, sublinha o papel crucial da experiência e da prática contínua no desenvolvimento das habilidades motoras e na compreensão do espaço que os rodeia, marcando etapas importantes na sua aprendizagem.

Figura 9: Carlos na Beira Rio



No entanto, a mobilidade autônoma dos bebês em espaços públicos, como na Beira Rio, apresenta riscos associados à presença de bicicletas, patins, patinetes, e outros meios de transporte. Essa dinâmica ressalta a necessidade de considerar a segurança dos bebês em ambientes compartilhados, equilibrando a liberdade de exploração com a proteção contra potenciais perigos.

Igualmente, embora não na mesma proporção que no resto da cidade, como já mencionado, a irregularidade do terreno, marcado por desníveis e obstáculos, revelou-se um desafio para o uso de carrinhos, explicando a preferência por métodos de transporte mais adaptáveis ao contexto irregular. A presença ocasional de carrinhos, não utilizados, sugere uma negociação constante entre a conveniência e a praticidade face às condições do ambiente.

A Beira Rio é reconhecida como um ponto de encontro vibrante, facilitando o intercâmbio de pessoas de variadas faixas etárias e origens. Na Figura 10, uma mãe, com a bolsa do bebê evidentemente cheia, aproveita a facilidade de empurrar o carrinho somente com uma mão e olha o celular por alguns segundos. Na fotografia 11, o homem, a mulher e o bebê voltam sua atenção para um evento ao lado, enquanto se deslocam.

Figura 10: Carrinho na Beira Rio



Figura 11: Carrinho na Beira Rio



Dentre as diversas observações, destacamos a experiência de Pedro, de dois anos e três meses. Ele explorava a quadra de vôlei, um espaço não esperado para um bebê. Ainda em processo de apropriação de equilíbrio e mobilidade, ele movia-se com cautela, seu corpo inteiro engajado na tarefa de navegar pela areia fofa. Sua concentração era evidente, com a cabeça inclinada e os olhos fixos no solo, enquanto suas mãos buscavam o ar, um gesto instintivo para manter a estabilidade (Figura 12). Pedro demonstrou um senso de autonomia e curiosidade ao se aventurar pela areia até a base de uma das barras que sustentavam a rede de vôlei. Apesar de sua tentativa de alcançá-la ser infrutífera, o olhar que lançou à mãe em busca de assistência revelou uma complexa comunicação e expectativa (Figura 13). A mãe, interpretando o desejo de Pedro, manteve-se observadora, permitindo-lhe explorar e aprender dentro de seus próprios limites.

Figura 12: Pedro anda pela quadra de vôlei da Beira Rio



Figura 13: Pedro observa através da tela no limite da quadra



Na Figura 14, Mariana, com um ano e dez meses, explora o espaço ao seu redor de uma maneira única, utilizando sua bicicleta rosa com rodinhas. Acompanhada de perto pela mãe, que a segue atentamente, ela se move com certa liberdade. Em alguns momentos, a cautela dos adultos em relação a certas áreas, consideradas por eles como “perigosas”, requer que Mariana se restrinja em sua exploração. Durante a observação, ela não foi vista andando sem o auxílio da bicicleta; ela alternava entre passear e fazer pausas, durante as quais observava atentamente o ambiente ao seu redor. A imagem captura em um desses momentos de pausa, em que Amanda se desloca na direção do Rio Tocantins. Embora o rio não esteja visível na imagem, devido à distância e à iluminação noturna, a cena captura um momento contemplativo de Mariana, refletindo a conexão entre a sua curiosidade e as limitações impostas pelo cuidado do adulto no espaço público.

Observamos na Beira Rio uma cena particular com gêmeos, de quase um ano de idade (Figura 15), sendo empurrados em um carrinho duplo pelo pai. A vestimenta idêntica dos bebês e sua atenção conjunta, frequentemente direcionada ao mesmo ponto, sugerem uma harmonia e conforto entre eles, aparentando tranquilidade e satisfação com o meio em que se encontram. O pai, por sua vez, adota um ritmo lento de caminhada, provavelmente para favorecer a experiência sensorial dos bebês.

Além disso, os dispositivos utilizados para o transporte dos bebês frequentemente cumprem uma função dupla, servindo tanto para o movimento quanto para o armazenamento de itens pessoais, como exemplificado pela fralda de pano amarrada ao carrinho dos gêmeos, evidente na Figura 15.

Embora muitos bebês sejam vistos em equipamentos especializados que visam facilitar sua locomoção e auxiliar os pais, tal como na fotografia 16, a observação direta também revela que em alguns momentos há uma mudança para o contato físico direto, quando os bebês são carregados nos braços das cuidadoras. A maneira como os adultos se posicionam é moldada pelo modo como os bebês se acomodam em seus braços, destacando a complexidade inerente ao carregar uma criança, particularmente quando há a necessidade de lidar com objetos adicionais ao mesmo tempo, o que inclui os carrinhos.

Figura 14: Mariana em seu triciclo na Beira Rio



Figura 15: Bebês gêmeos passeando em triciclo na Beira-Rio

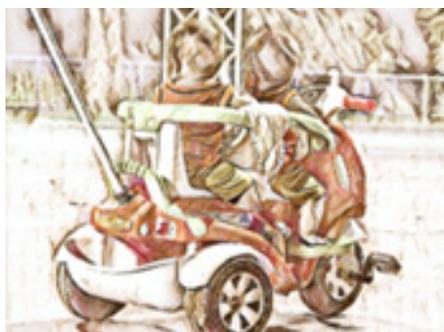


Figura 16: Bebê é empurrado em seu triciclo na Beira-Rio



Outra importante consideração diz respeito a relevância de explorar nas pesquisas antropológicas, as interações dos bebês com cuidadoras em espaços públicos, e como essas interações os afetam. Análises sobre as técnicas corporais dos bebês, como engatinhar, ficar de pé e andar, e como essas ações se relacionam com seu engajamento com o ambiente, também são importantes nas pesquisas com bebês. Portanto, reconhecendo a importância do corpo para o bebê como o meio exclusivo de estar no mundo, destacamos a necessidade de que a Antropologia voltada para bebês se concentre em sua corporeidade. É importante

salientar que o que chamamos de “experiência” pode ser conhecida por diferentes nomenclaturas em outras culturas, tais como desenvolvimento, aprendizagem ou conhecimento, entre outras (Tassinari, 2015).

Outras questões epistemológicas também estão dadas, como os desafios enfrentados no estudo com bebês, especialmente em relação aos métodos de pesquisa próprios ou adaptados e as questões éticas relacionadas ao consentimento e à participação dos bebês e suas cuidadoras na pesquisa. Há muito ainda a ser feito em relação a isso na Antropologia. Carecemos também de pesquisas sobre as variações culturais nas práticas de transportar e cuidar de bebês, incluindo o colo, os carrinhos, e as bicicletas (sejam elas empurradas por adultos ou conduzidas pelas próprias crianças).

5. Conclusões

O corpo serve não só como meio para que os bebês se apropriem dos espaços públicos das cidades, evidenciando sua capacidade de ação, mas também o meio pelo qual estabelecem conexões e interações com suas cuidadoras, com a antropóloga e com outras crianças. Logo, o reconhecimento de que as experiências corporais são primordiais para os bebês deve direcionar gestores urbanos, arquitetos e urbanistas a incorporarem nos espaços públicos das cidades áreas adequadas para o desenvolvimento seguro dos bebês, permitindo que eles vivenciem e aprendam não somente em suas casas ou em espaços reduzidos, mas também nos diversos espaços da cidade.

Este ponto levanta outra questão relacionada à divisão entre os mundos dos adultos e das crianças, que se estabeleceu desde a modernidade com a invenção do conceito de infância. Se continuarmos a separar os espaços destinados aos adultos dos espaços das crianças, ou se mantivermos a crença em culturas infantis distintas das culturas adultas, jamais consideraremos todos os espaços urbanos como potencialmente acolhedores para os bebês. No entanto, ao observarmos mais detalhadamente, fica evidente que os bebês estão presentes em todos os locais; é inviável pensar em uma sociedade onde os bebês estejam restritos apenas a espaços designados para eles. Como observou Sousa (2004), no contexto camponês, onde há crianças, há também a presença de mulheres. Isto parece se aplicar igualmente ao contexto urbano, onde as mulheres são frequentemente responsáveis pelos cuidados com os bebês. Considerando a autonomia relativa dos bebês, ou dito de outro modo, a dependência que eles têm de cuidadoras, é impossível imaginar que bebês e adultos ocupem espaços totalmente separados e distantes nas cidades.

Várias cidades têm desenvolvido projetos urbanos voltados às crianças, o que inclui os bebês, com a criação de espaços como parques, bosques e praças específicas⁴. No entanto, é fundamental reconhecer que a existência de áreas designadas para as crianças não implica a sua ausência nos demais espaços. As calçadas, as ruas onde dão seus primeiros passos, pedalam seus velocípedes e bicicletas com rodinhas, e as quadras de seus bairros constituem os espaços iniciais de exploração dos bebês. Com o tempo, suas interações se estenderão para outros locais da cidade, ampliando-se conforme crescem.

A separação entre espaços destinados a bebês e adultos não reflete uma verdadeira divisão entre seus mundos, pois estes se encontram entrelaçados e interdependentes. Entender os espaços destinados a adultos e crianças como realidades isoladas e estanques é um obstáculo para o desenvolvimento de uma visão de cidade que acolha e integre os bebês em todo e qualquer espaço.

Portanto, não é necessário criar áreas exclusivas para bebês; é essencial reconhecê-los como sujeitos, agentes que são e que se utilizarão de todos os espaços da cidade. Devemos incluir os bebês no planejamento de todos os espaços urbanos, considerando suas rotas, sua natureza exploratória, seus movimentos e a forma como ocupam os locais por onde passam, na companhia de seus responsáveis. A cidade é tão pertencente aos bebês quanto é aos adultos, mesmo que sejam estes últimos que a constroem.

A motivação para criar espaços exclusivos para bebês surge do reconhecimento de que a cidade, em sua concepção mais ampla, não foi planejada considerando os bebês como parte integrante de sua população. A invisibilidade dos bebês decorre da noção de que eles não se enquadram na categoria de “pessoas” (Sousa e Müller, no prelo), para quem as cidades são tradicionalmente projetadas. Além disso, há carência de etnografias que considerem a corporalidade como elemento primordial na compreensão dos bebês em sociedade, o que aponta para a invisibilidade e falta de reconhecimento dos bebês como participantes ativos da cidade. Surge, então, a ideia de que, por não serem considerados pessoas, mas seres em processo de tornar-se, é necessário criar espaços segregados para eles, isolando-os do “universo adulto” e dos demais espaços urbanos que os ignoram ou excluem.

O modo específico como os bebês se situam na cidade, os acessórios que os transportam, sua estatura, sua dependência dos adultos e seu corpo inexperiente, que se desenvolve à medida que exploram, desafiam as cidades. Sua presença, emergindo nos lugares mais inesperados e menos adaptados, desafia a ordem, a norma e a configuração das cidades, cujas arquiteturas são orientadas pela presença adulta, como se não fosse necessário ser bebê antes de nos tornarmos adultos.

6. Referências

- Ariés, P. (1981). *História Social da Criança e da Família*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: LTC Editora.
Bates, E. (1979). *The emergence of symbols*. Academic Press.
Cardoso de Oliveira, R. (1998). *O trabalho do antropólogo*. São Paulo: Unesp.

4 Em Campina Grande existe o Parque da Criança desde 1993. Em Recife, a Praça da Infância foi inaugurada em 2023.

- Cortés-Morales, S.; Christensen, P. (2014). Unfolding the pushchair: children's mobilities and everyday technologies. *Research on Education and Media*, 6(2), 9-18.
- Fernandes, F. (1947). As trocinhas do Bom Retiro. *Revista do Arquivo Municipal*, 113, 7-124.
- Gobbi, M. A. Gobbi, M., Anjos C. I., Seixas, E. C. e Tomás, C (2022) As crianças e o direito à cidade: reflexões sobre o inadiável. Em *O direito das crianças à cidade: perspectivas desde o Brasil e Portugal*. (p. 17-34) Universidade de São Paulo. Faculdade de Educação. DOI: <https://doi.org/10.11606/9786587047317> Disponível em: www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/book/804. Acesso em 13 Mai. 2024.
- Gottlieb, A. (2000). Where Have All The Babies Gone?: Toward an Anthropology of Infants (and Their Caretakers). *Anthropological Quarterly*, 73(3), 121-132. <https://doi.org/10.1353/anq.2000.0006>. Acesso em: 11 fev. 2024.
- Gottlieb, A. (2004). *The Afterlife is where we come from: the culture of infancy in West Africa*. Chicago: University of Chicago Press.
- IBGE. (2022). Censo 2022.
- Mauss, M. (1973) [1938]. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EPU – Edusp.
- Müller, F. (2021). I cry, therefore I am: An anthropological study of babies' interactions. *Learning, Culture and Social Interaction*, 31 (A).
- Müller, Fernanda, & Sousa, Emilene L. de. (2023). Etnografias em movimento: Deslocar-se com as crianças pela cidade. *Civitas: Revista de Ciências Sociais*, 23(1), e41914. <https://doi.org/10.15448/1984-7289.2023.1.41914>
- Nunes, A. M. (2002). O lugar da criança nos textos sobre sociedades indígenas brasileiras. In Aracy Lopes da Silva, Ana Vera Lopes da Silva Macedo e Angela Nunes (Orgs.) *Crianças Indígenas: ensaios Antropológicos*. (pp. 236-277). São Paulo: Global.
- Pereira, J. M. (2016) Cotidiano dos grupos na Praça de Fátima: aspectos ecológicos e interações face a face no centro de Imperatriz – MA. *Tessituras*, 4(2), 113-139
- Pétonnet, C. (2008). Observação flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. *Antropolítica*, 25, 99-111.
- Prout, A. y James, A. (1997). A new paradigm for the Sociology of Childhood? Provenance, promise and problems. Em Allison James e Alan Prout (Eds). *Constructing and reconstructing childhood* (pp. 7-33). London: Falmer Press.
- Sousa, E. L. (2015) As crianças e a etnografia: criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças. *Iluminuras*, 16(38), pp. 140-164. DOI: 10.22456/1984-1191.57434. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/article/view/57434>
- Sousa, E. L. (2004) *“Que trabalhais como se brincásseis” : trabalho e ludicidade da infância Capuxu*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Campina Grande: Universidade Federal da Paraíba.
- Sousa, E. y Müller, F. (no prelo). “Metade bebê e metade pessoa!”: a pesquisa antropológica com bebês à luz das categorias corpo e pessoa. *Revista Pós Ciências Sociais/REPOCS*.
- Tassinari, A. (2015). Produzindo corpos ativos: a aprendizagem de crianças indígenas e agricultoras através da participação nas atividades produtivas familiares. *Horizontes Antropológicos*, 21(44), 141-172.